

ASSUNTO

A hantavirose é uma zoonose viral aguda, cuja infecção em humanos, no Brasil, se apresentam na forma da Síndrome Cardiopulmonar por Hantavírus. Na América do Sul, foi observado importante comprometimento cardíaco, passando a ser denominada de Síndrome Cardiopulmonar por Hantavírus (SCPH). Os hantavírus possuem como reservatórios naturais alguns roedores silvestres, que podem eliminar o vírus pela urina, saliva e fezes. Os roedores podem carregar o vírus por toda a vida sem adoecer.

A infecção humana ocorre mais frequentemente pela inalação de aerossóis, formados a partir da urina, das fezes e da saliva de roedores silvestres infectados. É uma doença de notificação compulsória imediata, o que permite oportunizar a investigação ambiental, identificação das possíveis fontes de transmissão e adoção de medidas preventivas.

Em Santa Catarina, a doença é marcada por uma alta taxa de letalidade. Em 2022, até a presente data, foram registrados cinco (05) casos confirmados de hantavirose, e dentre estes, três (03) evoluíram para óbito, o que representa uma letalidade de 60%.

Os casos de hantavirose estão na sua maioria relacionados às atividades de produção em área rural, como a colheita e armazenamento de grãos, plantio, limpeza de galpões, desmatamento etc., locais onde o roedor silvestre é encontrado. Pescarias e acampamentos também são considerados fator de risco para a hantavirose.

Os roedores silvestres conhecidos como rato da mata e ratinho do arroz (*Akodon sp* e *Oligoryzomys sp*, respectivamente) diferenciam-se dos roedores maiores encontrados mais frequentemente em ambientes urbanos, como a ratazana e o rato de telhado. São roedores de pequeno porte (o macho adulto chega a 25 gramas), e vivem preferencialmente próximos a plantações, principalmente de grãos, mas podem também se encontrados em ambientes periurbanos. A cor da pelagem pode ser avermelhada, cinza ou até cor de terra (**Figura 1**).

Figura 1. Roedores silvestres presentes na Mata Atlântica.



Fonte: Fiocruz/RJ.

Recentemente, observou-se no município de Urubici, na Serra Catarinense, um aumento na população de roedores silvestres (*Akodon sp* e *Oligoryzomys sp*) que são reservatórios do hantavírus. Essa situação pode estar relacionada a floração da taquara Cará (*Chusquea mimosa var. australis*) que ocorreu no final do verão. A taquara Cará se encontra dispersa em uma extensa área de mata atlântica, de forma que o aumento na população de roedores silvestres pode se estender para outras regiões do Estado.

Diante desse cenário, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (DIVE) por meio da Gerência de Vigilância de Zoonoses, Doenças Transmitidas por Vetores e Acidentes por Animais Peçonhentos (GEZOO) alerta sobre a necessidade da suspeição precoce da hantavirose, especialmente nos municípios da região serrana, assim como o reforço nas medidas de prevenção.

EM SUA FASE INICIAL, A DOENÇA APRESENTA OS SEGUINTE SINTOMAS:

- Febre
- Mialgia
- Dor nas articulações
- Dor de cabeça
- Dor lombar
- Dor abdominal
- Sintomas gastrointestinais (náuseas, vômitos e diarreia)

Esse quadro inespecífico dura cerca de 1 a 6 dias, podendo prolongar-se por até 15 dias, e depois regredir. No entanto, quando surge um quadro de tosse seca, a doença pode evoluir para uma fase clínica mais severa, a cardiopulmonar. Na fase cardiopulmonar, os sintomas são:

- Febre
- Dificuldade de respirar
- Respiração acelerada
- Aceleração dos batimentos cardíacos
- Tosse seca
- "Pressão baixa"

Os profissionais de saúde devem estar atentos à possibilidade de surgimento de casos de hantavirose, realizando a suspeição e o manejo clínico indicado. É de extrema importância a suspeição precoce da doença, com notificação imediata dos casos (em até 24 horas).

Ademais, os moradores devem ser informados sobre os sintomas da doença, os roedores envolvidos, as vias de transmissão e as formas de prevenção. Considerando que a região serrana é uma importante área de turismo, ações de orientações sobre a doença e formas de prevenção devem ser implementadas em conjunto com o setor turístico, como pousadas, hotéis, áreas de visitação, etc.

A prevenção das hantavirose baseia-se na utilização de medidas que impeçam o contato do homem com os roedores silvestres e suas excretas (fezes ou urina).

As medidas de controle devem conter ações que impeçam a aproximação dos roedores, como, por exemplo, roçar o terreno em volta da casa, dar destino adequado aos entulhos existentes, manter alimentos estocados em recipientes fechados e à prova de roedores, além de outras medidas que impeçam a interação entre o homem e roedores silvestres, nos locais onde é conhecida a presença desses animais.

O controle químico de roedores através do uso de raticidas deverá ser realizado por técnicos habilitados para essa atividade, tendo em vista que se realizado de forma errônea ou insuficiente pode, além de não matar os roedores, expor pessoas e animais ao risco de ingestão de raticidas, podendo causar intoxicação grave e levar à morte.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS PARA A POPULAÇÃO E PROFISSIONAIS DE SAÚDE PODEM SER CONSULTADAS NO:

CLIQUE AQUI!

Guia de Vigilância em Saúde (5ª edição revisada) – a partir da p. 939, disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/phocadownload/guia-vigilancia/2022/GV5-5edicao-04-05-2022.pdf>;

CLIQUE AQUI!

Manual de Vigilância, Prevenção e Controle das Hantavirozes, disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/phocadownload/doencas-agrivos/Hantavirose%20ou%20Sindrome%20Cardiopulmonar%20por%20Hantavirus/Publicacoes/2%20-%20Manual%20de%20Vigilancia,%20Prevencao%20e%20Controle%20das%20Hantavirozes..pdf>;

CLIQUE AQUI!

Hantavirose: saiba como evitar a doença transmitida por roedores silvestres, disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/phocadownload/doencas-agrivos/Hantavirose%20ou%20Sindrome%20Cardiopulmonar%20por%20Hantavirus/Mídias/1-folder-hantavirose.pdf>

Além disso, a equipe da GEZOO está à disposição para esclarecimentos através dos telefones **(48) 3664-7485/ 7487** ou e-mail: gezooreservatorios@saude.sc.gov.br.

Florianópolis, 09 de setembro de 2022.

Gerência de Vigilância de Zoonoses, Acidentes por Animais Peçonhentos e Doenças Transmitidas por Vetores
GEZOO/DIVE/SUV/SES/SC

Diretoria de Vigilância Epidemiológica
DIVE/SUV/SES/SC